

# Proposta recebida com críticas

O plano de estabilização econômica elaborado pelo economista Francisco Lopes foi recebido com restrições por empresários da indústria, do comércio e do setor financeiro e por economistas. A colocação mais freqüente foi a de que, antes de mais nada, o governo precisa controlar os seus gastos. Abaixo, um resumo das opiniões:

**Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp):** "O problema não é a moeda oficial e, sim, o déficit público, que tem de ser atacado antes de qualquer providência".

**Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI):** "Da forma como foi divulgado, o plano pode tornar os ricos mais ricos e eliminar a classe média, pois beneficia apenas os que dispõem de ativos reais".

**Roberto Della Manna, diretor do Departamento Sindical da Fiesp:** "Acho que não tem nada de real nisso".

**Cláudio Bardella, presidente das Indústrias Mecânicas Bardella:** "O Real não passa de um Plano Cruzado atenuado, com todos os seus defeitos. Não acredito na sua implantação. Se estivesse para ser criado, não estaria nos jornais".

**Abram Szajman, presidente da**

**Federação do Comércio do Estado de São Paulo:** "Antes de mais nada, o déficit público tem de estar realmente controlado. Apesar dos sinais nesse sentido, por enquanto os cortes nos gastos do governo estão muito abaixo do esperado".

**Léo Cochrane Jr., futuro presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban):** "Fiquei com a sensação de estar vendo uma réplica. Um provérbio inglês nos aconselha a tentar muitas vezes quando fracassamos. Mas, neste caso, não sei se devemos acreditar no provérbio".

**Eduardo da Rocha Azevedo, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo:** "Tenho muito respeito pelo economista Francisco Lopes, mas alguma coisa está errada. Ele já participou de dois planos que não deram resultados".

**Álvaro de Souza, vice-presidente do Citibank no Brasil:** "Em 20 anos no mercado financeiro nunca vi um plano saído do Congresso. Trata-se de uma experiência nova, pois o elemento surpresa desaparece".

**Mário Henrique Simonsen, ex-ministro:** "Acho uma boa idéia, embora não seja nova. O ponto mais positivo da proposta é o controle de emissão do real, o que tornaria a moeda mais estável. Só não entendo a preservação do cruzado, moeda que nin-

guém mais vai querer. Mas a proposta como um todo é razoável".

**Fernando Milliet, ex-presidente do Banco Central:** "Pode dar certo, mas é preciso saber, antes, se o governo está conseguindo conter o déficit público".

**Marcel Domingos Solimeo, economista:** "Não há nada de novo. O plano cairá em descrédito popular mais rapidamente que o Cruzado".

**Yoshiaki Nakano, economista:** "Esse é um programa transitório. Falta resolver questões fundamentais como o déficit público e o pacto social".

**Odilon Guedes Pinto Jr., economista:** "Nem só de indexação vive a inflação. A crise é política e o governo sabe que será derrotado nas próximas eleições. Por isso, lança mão desse tipo de programa para aumentar a base eleitora".

**Roberto Macedo, diretor da FEA/USP:** "Antes do real, é preciso fazer o essencial: acertar a ineficiência do governo e o descontrole fiscal. A proposta é antiga, bonita no papel mas longe da realidade".

**Carlos Longo, economista:** "Há muita elaboração sobre coisas óbvias. No fundo, o programa não passa de um novo cruzado, com fins eleitorais, e não há de ser aprovado pela área técnica do governo".